

ção de 35 por cento, cuja percentagem lhe dá mesmo a liderança na área dos cafés torrados.

Com 76 anos de uma vida dedicada à empresa que fundou e que levou praticamente a todos os quatro cantos do Mundo – em Timor, já foi mesmo construída uma escola com o seu nome, em Fahité, em jeito de reconhecimento pelo esforço que tem feito no desenvolvimento do sector do café e na valorização das estruturas timorenses –, Manuel Rui Nabeiro, de trato fácil e postura simples, agradeceu “o carinho” com que foi recebido no Cine-Teatro Brasão, bem ao jeito das gentes raianas, e garantiu mesmo que o que sente pela sua terra (Campo Maior) está espelhado na forma hospitaleira como o trataram em Gaia.

Ainda antes de se despedir do palco com um “bem-haja a todos”, Rui Nabeiro deixou um exemplo de vida, quando confessou que “nunca” se esquece dele, mas também “nunca” se esquece “dos outros”, apelando mesmo a um esforço no sentido de “mais humanidade e solidariedade” no Mundo.

Antes, já o industrial das pedreiras José Reis havia passado pelo palco, também para ser entronizado confrade-honorário, assim como Vasco Teixeira, o presidente do Conselho de



Administração da Porto Editora, que, desafiado por José Carlos Leitão a apoiar o lançamento do livro sobre a história das pedreiras e da Confraria da Pedra, saiu-se em beleza do repto que lhe havia sido lançado: “É uma honra e um prazer para mim estar entre gente tão boa e inteligente, mas é mais fácil escrever dois livros do que falar nele”. Destinatário da fina ironia: José Carlos Leitão.

Próximo confrade: Mário Dorminsky

Próximo confrade-honorário e um dos principais impulsionadores do I Capítulo da Confraria da Pedra em 2007, Mário Dorminsky, avesso a formalismos, defendeu que “as confrarias são espaços de cultura e de confraternização”, considerando mesmo “muito importante” a existência da Confraria da Pedra na “divulgação de uma marca da Madalena e de Vila Nova de Gaia: o granito azul”, utilizado, por exemplo, na construção da Ponte da Arrábida e em praticamente todas as calçadas existentes na cidade do Porto, bem como em países como Bélgica, Luxemburgo, ou Holanda.

Firmino Pereira e Mário Fontemanha foram dois dos três confrades de honra que não marcaram presença no Cine-Teatro Brasão, em Valadares, para a cerimónia de entronização. O outro foi o reitor da Universidade do Porto



O vereador com o pelouro da Cultura deixou ainda bem claro que “as confrarias não são apenas gastronómicas, mas também têm um papel de natureza social”, ou não divulgassem aspectos que têm a ver com a realidade regional. “No caso concreto, é a pedra”, sublinhou Mário Dorminsky, para quem as confrarias representam ainda “tudo o que é nosso”, razão pela qual decidiu apoiar, pela primeira vez, um Capítulo de uma confraria.

Depois da intervenção de improvisado do vereador com o pelouro da Cultura, sentado na primeira fila do Cine-Teatro Brasão, subiram pela primeira vez ao palco todos os 44 confrades à espera de serem entronizados. Quando desceram, já formalmente confrades da Confraria da Pedra, e depois do juramento da praxe e de cantado o hino, a cerimónia caminhou a passos largos para o fim, não sem antes o chanceler-presidente José Carlos Leitão prometer “surpresas” para o almoço, na Casa do Loureiro.

De regresso à freguesia conhe-

cida pelo granito azul, único no Mundo, os confrades sujeitaram-se a mais uma «prova de fogo»: um passeio pelas ruas da Madalena, como manda a praxe confrádica, ao qual não faltou Manuel Rui Nabeiro, que, lado a lado com José Carlos Leitão, cumpriu os mais de 800 metros do percurso definido. Feita a foto do grupo, a hora era mesmo de rumar ao lugar da Aldeia Nova, para o (mais do que) merecido almoço de confraternização, participado por quase 200 convivas.

Já com o Sol quase posto, José Carlos Leitão interveio pela última vez antes da despedida, já depois de ter entregue lembranças da Confraria da Pedra aos confrades-honorários, para “agradecer a presença de todos” na cerimónia da primeira entronização feita pela confraria da Madalena e também para “desejar um bom Natal e um próspero Ano Novo” aos confrades e convidados presentes na Casa do Loureiro. O balanço do I Capítulo foi feito posteriormente ao AUDIÊNCIA.

JOSÉ CARLOS CIDADE

Madalena sabe receber

Presente na cerimónia de entronização dos confrades da Confraria de Pedra na qualidade de convidado, depois de já ter pertencido à confraria liderada por José Carlos Leitão, esteve o presidente da Junta da Madalena, José Carlos Cidade, que, na Casa do Loureiro, desejou “boas-vindas a todos” e lembrou que a Madalena, “com nove séculos de História, sabe receber”. “Com imenso gosto em estar presente num momento tão simbólico” para a Confraria da Pedra, José Carlos Cidade decidiu também oferecer às confrarias que se associaram ao I Capítulo “uma lembrança”, para “melhor perpetuar a passagem pela Madalena”, com os representantes de cada uma a regressarem a casa com o primeiro volume da monografia da freguesia de Gaia.

Depois de “felicitar a Confraria da Pedra” e de fazer votos de que “todos levem uma boa imagem da Madalena”, o presidente da Junta desejou ainda “um feliz Natal e um bom ano de 2008”. Ausente da cerimónia de entronização no cine-teatro de Valadares, Mário Fontemanha apareceu já depois do almoço na Casa do Loureiro, para “deixar um abraço a todos” e “agradecer” as insígnias da Confraria da Pedra.

Em representação do presidente da Câmara de Gaia, Luís Filipe Menezes, confrade da Broa de Avintes, César Oliveira, também presidente da mesa do plenário da Concelhia do PSD, considerou que o I Capítulo “é o culminar não apenas de muitas canseiras e preocupações, mas também de um sonho”, do chanceler-presidente José Carlos Leitão e dos confrades.

“Em nome do município”, prosseguiu César Oliveira, “gostava de salientar a importância das parcerias estabelecidas entre a Câmara e instituições do concelho” como a Confraria da Pedra, cujos “homens e mulheres dão corpo às preocupações que também são as da autarquia: ajudar os outros”.

“José Carlos Leitão pode estar de consciência tranquila”, reconheceu ainda o representante do presidente da Câmara, para quem a “cerimónia de entronização” dos confrades de honra e efectivos “teve, de facto, dignidade”. Mais importante do que “o apoio residual dado pela Câmara para fazer face às despesas correntes” da confraria, concluiu César Oliveira, “é mesmo a proximidade” entre as duas instituições.